

Lucio Costa, Raul Lino e Carlos Ramos. Convergências e divergências de percursos¹

Madalena Cunha Matos

Arquitecta. Professora Associada da F.A.U.T.L.
mcunhamatos@fa.utl.pt

Tânia Beisl Ramos

Arquitecta. Pós-Doutoranda da F.A.U.T.L.
taniabeislrmos@clix.pt

Resumo

No dealbar do Movimento Moderno nos seus países, o brasileiro Lucio Costa (1902-1998) e os portugueses Carlos Ramos (1897-1969) e Raul Lino (1879-1974) assumiram posições combativas em prol dos valores em que acreditavam. Os dois primeiros, favoráveis e arautos do Movimento; o terceiro, em oposição. Cada um desempenhou, nos anos conturbados em que o modernismo era um combate, um papel fundamental na pedagogia da arquitectura do respectivo país. Todos travaram conhecimento mútuo, em períodos diferentes e separadamente. Desses contactos resultou algo mais do que relações correntes de profissionais do mesmo ofício, tais como a cortesia distante num dos lados do triângulo assim formado: nos outros lados, achamos a veemência de um encontro e de um desencontro.

Num período em que a procura premente dos elementos identificadores da cultura arquitectónica nacional se conjuga, em Portugal e no Brasil, com a disputa entre tradição e modernidade, Costa, Lino e Ramos emergem como teóricos da arquitectura. A intensa preocupação pedagógica presente em cada um viria a ter influência de grande longevidade na opinião pública ou no meio restrito da arquitectura; significando preferência persistente por um universo formal, ou formação dos arquitectos modernos cuja produção se insere no arco temporal de 1920 a 1970. A sua actuação prática e teórica, no meio académico e nos textos produzidos, reflecte entretanto uma elasticidade própria de cada um para encarar a relação histórica com o passado e a sua reconstrução apoiada no racionalismo moderno. O artigo analisa os diferentes modos de actuação: a revalorização da arquitectura colonial brasileira, a busca de raízes nacionais e das tradições históricas como elemento estruturante da "casa portuguesa" e o combate contra a modernidade, passando pela abertura do ensino de arquitectura para o "moderno". Procura-se sistematizar os paralelismos e divergências dos percursos vivenciais destes autores.

Palavras-Chave: raízes, modernidade, identidade nacional.

¹ Este texto corresponde ao artigo "Um Encontro, um desencontro. Lucio Costa, Raul Lino e Carlos Ramos" elaborado para o VII DOCOMOMO Brasil e publicado nos Anais em CD-Rom VII Seminário Docomomo Brasil – "O moderno já passou, o passado no moderno. Reciclagem, requalificação, rearquitectura", Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em Outubro de 2007. O texto foi adaptado para a sua publicação em Portugal.

Os três autores: uma apresentação

Raul Lino, Carlos Ramos e Lucio Costa marcaram a doutrina e a produção arquitectónica do século XX em Portugal e no Brasil. Este estudo visa estabelecer os nexos entre os três personagens cruciais no devir histórico e na realidade crítica de ambos os países, e elencar alguns dados nunca submetidos a uma análise comparativa.

Raul Lino (1879-1974), nascido em Lisboa, filho de pais portugueses, teve desde muito cedo formação no exterior. Deixou uma vasta obra construída para uma clientela de alto estatuto socio-económico e, em menor escala, para o sector público. Projectou também abundante arquitectura de interiores, design e mobiliário. Trabalhou no Ministério das Obras Públicas. Nunca leccionou; foi porém um prolífero plumitivo, com forte impacto no meio cultural português e indirectamente, no gosto comum; este gosto, que atingiu as classes privilegiadas mas foi comum a diferentes extractos sociais, apresenta uma extraordinária persistência e longevidade, até ao presente. De entre arquitectos e intelectuais, ficou na história como o principal patrocinador do conceito da “casa portuguesa” – cujos princípios e exemplos estão divulgados em três livros de sua autoria (1918, 1929 e 1933). Ele próprio criticou com acesa ironia a proliferação acrítica e de receituário de caricaturas das suas propostas. Assumiu uma posição contrária ao Movimento Moderno e mereceu, ainda em vida, uma retrospectiva da sua obra que provocou uma acesa controvérsia extravasando o meio profissional (Almeida, 2002; Almeida, Toussaint e Fernandes, 1993; Neto, 2002; Ribeiro, 1994).

Carlos Chambers Ramos (1897-1969), nascido no Porto, filho de pai português e mãe inglesa, graduou-se na EBAL em 1921. Projectista, leccionou nas duas escolas de arquitectura existentes na época, Lisboa e Porto, sendo conhecido como Director da Escola Superior de Belas Artes do Porto, cargo que ocupou desde 1952 até à reforma em 1967. Aqui, permitiu a inclusão do ensino aberto à modernidade. Fez parte da “1ª geração” de modernos, projectando o Instituto Português de Oncologia (1927) e uma primeira solução para o Liceu Filipa de Lencastre (1930). Abandona intermitentemente o “moderno” – não apenas para sobreviver e construir, mas aderindo por *motu* próprio aos formulários tradicionalistas e neo-traditionalistas e mantém uma proximidade continuada ao Regime político. Foi este bom relacionamento que lhe permitiu essa abertura pedagógica da Escola. Sem ser conhecido por obra teórica, proferiu numerosas conferências e discursos, alguns deles vertidos para textos publicados. Estes escritos inserem-se na dilatada tradição assumidamente não teórica da Escola do Porto. (Almeida e Fernandes, 1986; Coutinho, 2001).

Lucio Costa (1902-1998), nascido em Toulon, filho de pais brasileiros, viveu a infância e o início da adolescência no estrangeiro, retornando em definitivo ao Brasil em 1916. Graduiu-se na ENBA (Escola Nacional de Belas Artes) em 1924. Autor de uma produção arquitectónica iniciada no eclétismo e no neocolonial, com a qual rompe, volta-se para o moderno. Assumiu um papel de relevo na divulgação do uso do novo material – o betão armado. Exerceu grande influência na arquitectura brasileira, actuando no que podemos designar por quatro frentes: como director da ENBA, ao propor e implementar uma reforma do ensino de arquitectura; como projectista, com relevância nas obras públicas como a construção do edifício sede do Ministério da Educação e Saúde e o Plano Piloto de Brasília; como historiador, ao definir os rumos da historiografia arquitectónica brasileira, e em cujos estudos releva a influência portuguesa na arquitectura colonial brasileira; e como definidor das normas e directrizes de preservação do património histórico nacional. Sendo contemporâneo dos dois portugueses, com eles se relacionou ao longo do século XX. Tal como Raul Lino, a vida activa de Lucio Costa foi quase centenária. Autor de numerosos textos de distintos fitos, organiza em 1995 aos 93 anos uma primeira colectânea de sua autoria, *Registro de uma vivência*.

Nela, através de uma selecção, ordenação parcialmente cronológica e distribuição temática, procura apresentar um testemunho da sua vida e produção fundamental (Nobre et al, 2004; Pessoa, 2004; Xavier, 2003).

Se é certo que as obras edificadas são eloquentes, mesmo elas carecem de contextualização; o pensamento construído em textos de autor é dos recursos mais seguros para se entender o ambiente e as intenções dos arquitectos; e o "impacto de projetos e obras aumenta o da reflexão escrita e vice-versa" (Comas, 2002). Lucio Costa, Raul Lino e Carlos Ramos emergem – pela atitude, pelos projectos, pelas escritas, pelas acções, pelas aulas ou pela direcção de escola – como pensadores da arquitectura, tendo em comum o valor, a convicção na defesa de princípios, a vontade e capacidade de comunicação e a responsabilidade colectiva, assumida em organismos escolares ou estatais.

Sendo desigual o conhecimento sobre estes arquitectos fora dos respectivos países, alguns dos seus dados biográficos foram organizados no Quadro 1, tendente na sua última parte a introduzir o tema dos paralelismos de carreira.

	Raul Lino (1879-1974)	Carlos Ramos (1897-1969)	Lucio Costa (1902-1998)
			
Graduação	Escola de Belas Artes de Lisboa, 1926 (h. honorif.)	Escola de Belas Artes de Lisboa, 1921	Escola Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, 1924
Estágios e trabalhos tutelados	Prof. Albrecht Haupt; oficinas do pai	Atelier Raul Lino (1916 e 1921); Atelier Ventura Terra (1919)	Anos 20 - Firma Rabecchi e Esc. Técnico Heitor de Melo
Viagens principais	1902 - Marrocos; 1910 - Veneza e Paris; 1911 - Berlim; 1934 - Brasil; 1941/43 - Roma; 1954 - Bayreuth e Oslo; 1955 - Moçambique; 1958 - Ankara e Istambul; 1959 - Florença; 1962 - Alemanha	1918 - Espanha; 1920 - Espanha, França e Bélgica; 1929 e 1947 - vários países Europa; 1942 - Angola; 1962 - RJ e Bahia; 1965 - RJ; 1966 - RJ, SP, Niterói, Santos e Recife	1924 - Diamantina, Sabará, Ouro Preto e Mariana pela SHBA; 1926 - Europa; 1927 - Cidades históricas MG; 1938 - 39-EUA; 1948-49 e 1952-53 - viagens à Europa; 1961 - Europa e EUA; 1980 - Marrocos; 1985 - França
Evolução	tradicionalista	modernista → português suave e/ou moderno	ecênico → neocolonial → moderno
Direcção da Escola	-	De 1952 a 1967 - EBAP	Dez 1930 a Set 1931 - da ENBA.
Responsabilidades e pareceres em org. públicas	1932 - Assoc. Nac. Belas Artes; desde 1934 (1936/1949) - Direcção Geral dos Monumentos Nacionais - DGEMN.	Emite pareceres para Câmaras Municipais de Lisboa e Porto, DGEMN, Direcção de Adm. das Novas Instalações Universitárias, MOP	1937-1972 director da Divisão de Estudos e Tombamentos do SPHAN
Representação a nível internacional	-	1950-59 preside a Secção Portuguesa da UIA	Representante nos CIAM; UNESCO
Exposições sobre os autores/documentários	1970 - Fundação Calouste Gulbenkian; Raul Lino. Exposição Retrospectiva da sua Obra; 1990 - I Trienal de Sintra Casas de Raul Lino; 1990 - Raul Lino Artes Decorativas; 2006 - Raul Lino Cem Anos Depois	1986 (Jan/Fev) - Fundação Calouste Gulbenkian; Carlos Ramos. Exposição Retrospectiva da sua Obra	2002 - Seminário Um século de Lucio Costa, RJ; 2003 - O Risco, Lucio Costa e a Utopia Moderna
Exemplos de Escritos/textos	A Nossa Casa (1918); A Casa Portuguesa (1929); Casas Portuguesas (1933); A verde Jomeia (1937); Artigos publicados no Diário de Notícias durante 20 anos	Arquitectura, Puro e simplesmente (1932); Fíadas baixou à terra (1950); Palestra dedicada a todos os alunos da Escola de Belas Artes do Porto (1935); 25 Anos de Ensino Artístico no ESBAP (1952); Exposição ao Ministro de Educação Nacional sobre a criação do CEAU (1968)	Razões da Nova Arquitectura (1934); Documentação Necessária (1938); Mobilário Luso-brasileiro (1939); Introdução a um Relatório (1948); Muita construção, alguma arquitectura e um milagre (1951); O arquiteto e a sociedade contemporânea (1952); O Novo Humanismo Científico e Tecnológico (1961)
Organização de Exposições	-	1930 - Exposição das Independentes	1931 - Salão de 31
Encontros em eventos	c/ Lucio Costa (1934)	c/ Lucio Costa (déc. 50 e 60)	c/ Raul Lino (1934) e c/ Carlos Ramos (déc. 50 e 60)
Inquérito regresso às fontes	1897 - Alentejo e Sintra	1953 - Ensaio de Inquérito às expressões técnicas tradicionais portuguesas	Décadas 20 - levantamentos no Brasil; Década 50 - levantamentos em Portugal
Projectos relacionados ao/a Brasil/Portugal	1922 - Casa Sr. Humberto de Lima, RJ; 1922 - Prédio no RJ; 1922 - Companhia Industrial de Portugal e Colónias; 1925 - Estab. Recreios, RJ; 1940 - Pavilhão do Brasil Exp. do Mundo Português (Lisboa); 1957 - Sede BUB, SP	1922 - Pavilhão de Portugal para a Exposição do RJ; 1962 - Anteprojecto da Embaixada de Portugal em Brasília; 1964 - Estátua D. João VI, RJ.	-

Quadro 1 Síntese dos dados gerais sobre os três personagens.

Fontes: Fig.1 Raul Lino: Pedreira (1994); Fig. 2 Carlos Ramos: FCG (1986); Fig. 3 Lucio Costa: Costa (1995).

Convergências, Paralelismos e Divergências

O período formativo apresenta traços de paralelismos nas respectivas biografias. Lucio Costa e Carlos Ramos têm idades aproximadas; Raul Lino é mais velho de quase uma geração. Esses vinte anos fazem toda a diferença; no início da maturidade, as “respectivas entradas em cena”, inscrevem-se em ambientes intelectuais inteiramente diversos.

Nenhum dos três personagens deixa de ter uma componente de “estrangeirado”. Num caso mais ténue, a de Carlos Ramos, pela ascendência inglesa; sua mãe pertencia ao meio da colónia inglesa do Porto, de uma família de vinda recente para Portugal. Apesar de pouco profunda a influência cultural desse lado materno, terá criado uma atmosfera facilitadora dos ulteriores contactos internacionais. O lado “estrangeirado” foi mais acentuado nos outros dois, que viveram parte importante da infância e adolescência na Europa. Aos onze anos Raul Lino foi enviado para o exterior (Inglaterra e Alemanha), retornando com dezasete anos a Portugal. Lucio Costa, nascido em Toulon, regressou por pouco tempo ao Brasil, residiu depois em França, na Suíça e em Inglaterra e aos catorze anos retornou definitivamente ao Rio de Janeiro. A acuidade da demanda de identificação nacional de Raul Lino e Lucio Costa está bem alicerçada nestes precoces exílios. A visão do país faz-se nos primeiros anos da adolescência a partir do exterior, de fora para dentro.

Quanto à formação, Raul Lino estudou Arquitectura na Alemanha, numa Escola Técnica em Hanover; estudou e trabalhou com Albrecht Haupt. Este historiador, especialista em Renascença em Portugal, tema da sua tese de doutoramento, desenhou abundantemente a arquitectura estudada. Segundo Raul Lino, foi Haupt quem lhe inculcou o amor pela terra portuguesa. Apenas por uma exigência legal, em 1926, aos quarenta e sete anos e após quase duas décadas de exercício profissional foi-lhe atribuído o grau de arquitecto, por meio de um reconhecimento honorífico pela EBAL em Lisboa. Carlos Ramos e Lucio Costa recebem os graus académicos tradicionais em 1921 e 1924, respectivamente em Lisboa e no Rio de Janeiro nas Escolas de Belas Artes.

São precisamente as Escolas de Belas Artes que os reúne na responsabilidade de definir uma direcção – por uns escassos nove meses no caso de Lucio Costa no Rio e por quinze anos no de Carlos Ramos no Porto. Divergindo embora no período atinente, o academismo dominante foi similar na situação encontrada por um e por outro; assim como a abertura ao moderno por eles operada no meio académico da cidade, que não na própria escola, no caso de Lucio Costa. Irmanando os dois arquitectos, está a forte presença e participação em organismos internacionais, como a UIA e os CIAM; e ainda, o seu contributo para a organização de duas exposições marcantes da progressão do moderno nos respectivos países, respectivamente a *Exposição dos Independentes* em 1930 por Carlos Ramos e o *Salão de 31* por Lucio Costa.

Paralelismos assinaláveis entre os três arquitectos são a responsabilidade na emissão de pareceres e outros trabalhos de consultadoria para organismos estatais; com forte preponderância aqui de Raul Lino e Lucio Costa. Integram ambos a principal instituição vocacionada para a preservação, restauro e tombamento do património edificado dos respectivos países: desde 1934, na DGEMN (Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais), fundada em 1929, no caso de Raul Lino; desde 1937, ano da fundação, no SPHAN (Serviço do Património Histórico e Artístico Nacional), no caso de Lucio Costa.

Que encontro, que desencontro?

De Raul Lino, ficou registado em livro, *A Auriverde Jornada* (1937), o desacordo entre ele e Lucio Costa quanto à questão essencial, respectivamente da modernidade para este, e da tradição ou *genius loci*, para aquele. O encontro serviu para selar definitivamente a perseverança de Raul Lino na senda da arquitectura da terra, do país, da região, do local. Para Lucio Costa, a escassos meses do início da aventura do MES, não terá sido o desencontro mais do que uma afirmação da sua confiança na arquitectura moderna. Já com Carlos Ramos, Lucio Costa se acha acompanhado e expande num diálogo que perdura ao longo de correspondências, visitas e apoios. Um convite da UIA motivou a vinda ao Brasil de Carlos Ramos em 1962, data do ante-projecto da Embaixada de Portugal em Brasília – que acabaria por não ser de seu atelier, mas do de Chorão Ramalho. Essas viagens repetem-se ao longo dos anos sessenta. Lucio Costa, por seu lado, após uma primeira estadia breve em 1926, visita Portugal em 1948, com o propósito deliberado de conhecer a arquitectura regional, em particular da sua região Nordeste; e repete em 1952 e 1961. Dessas viagens e do encontro com os professores da EBAP (Escola de Belas Artes do Porto), que Carlos Ramos integrava desde 1940 e de que era director desde 1952, saldou-se algo tão forte como o que lhe permitiu escrever, na colectânea *Registro* e segundo o testemunho de Carlos Ramos – de que teria sido ele, Lucio Costa, especificamente via o artigo *Documentação Necessária* de 1937, o impulsionador do lançamento do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal, obra basilar para os rumos de reatamento com o passado que a arquitectura moderna portuguesa seguiria a partir daí.

Pois o que interessa na vida cotejada destes arquitectos é a sua singular relação com o passado, com a tradição, com o vernáculo, que levaram dois de entre eles a empreender inquéritos às tipologias e assentamentos das mais remotas províncias de Portugal – e da também mediterrânica Marrocos, no caso de Raul Lino; é a sua singular vontade de ir às fontes, de buscar as raízes da forma moderna de projectar. Ou da forma intemporal, no caso de Raul Lino. E encontrar nessas construções sem arquitecto o saber de séculos de adaptação do homem ao meio, para Raul Lino, e a racionalidade do uso dos materiais, das técnicas construtivas e dos dispositivos de implantação, para Lucio Costa. Lucio e Carlos Ramos acabariam por ser os impulsores do Movimento Moderno no seu país, sem no entanto deixarem de estabelecer uma aproximação à história no caso de

Lucio Costa, e de um compromisso constante com o *status-quo* no caso de Carlos Ramos – o que lhe permitiu todavia a manutenção da Escola que dirigia na senda do moderno. Raul Lino, um arquitecto do espaço, da afirmação pela luz e da subtilidade pela penumbra, remete-se para uma posição a contra-corrente e persiste na sua demanda da arquitectura irmanada com o meio e resultante desse meio.

O Inquérito

Para ter havido o desenvolvimento da arquitectura moderna portuguesa foi essencial uma pedra fundamental: o Inquérito à arquitectura regional portuguesa (iniciado em 1955 e publicado em 1961 em dois volumes como *Arquitectura Popular em Portugal*, Fig. 4). É uma obra decisiva na cultura arquitectónica portuguesa nos anos 50 e 60: já pela novidade na vida associativa dos arquitectos do trabalho em equipa, já pela alteração do *status-quo* doutrinal e formal, já pelo reforço da afirmação política dos opositoristas ao Regime.

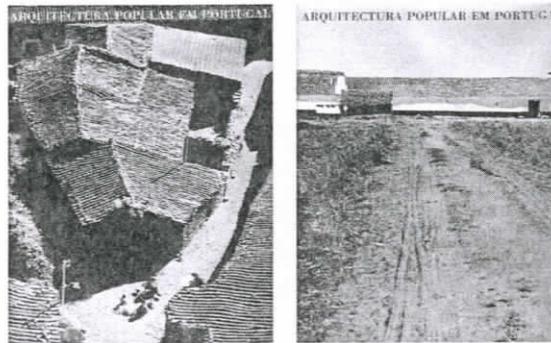


Fig. 4 *Arquitectura Popular em Portugal*, Volumes I e II, Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961. Edição de 2004.

Trata-se de um levantamento da arquitectura rural portuguesa realizado por seis equipas num total de dezoito arquitectos, distribuídas pelas regiões do Minho, Trás-os-Montes, Beiras, Estremadura, Alentejo e Algarve. Retrata modos de vida que pouco depois desapareceram. O registo integra plantas esquemáticas de localizações e esquemas de assentamentos, plantas, alçados, outros desenhos e muitas fotografias, do exterior e algumas do interior das habitações e edifícios urbanos, organizadas na publicação com cuidada composição gráfica. Das cerca de 10000 imagens registadas, pouco mais de 1700 se reproduziram. Foi financiado pelo Regime e realizado no âmbito do Sindicato Nacional de Arquitectos, segundo o Decreto-Lei nº 40349 de 19 de Outubro de 1955. Insere-se na longa história da busca da arquitectura da “casa portuguesa”. Concluiu-se não existir um tipo único de casa, mas vários, conforme a região do país; e esses tipos dependerem fortemente das disponibilidades de material e de diversidade de formas de vida.

A intenção dos arquitectos era bem diversa da da entidade patrocinadora. A dos primeiros assentava em múltiplas motivações – desde o desejo de descoberta da arquitectura autêntica, à demanda das raízes e à justificação do racionalismo na arquitectura, quase intemporal, do interior do país. Além dos levantamentos desenhados, houve assim um trabalho fotográfico abrangente a

partir do qual foram escolhidas as imagens que maior proximidade ao moderno aparentavam. O propósito confesso era demonstrar a validade do moderno, pelo seu paralelismo com a arquitectura tradicional no que ela tinha de franca assunção da estrutura – para reforçarem o que queriam fazer. Já a intenção do Regime era provar a existência de uma “casa portuguesa” comumente referida. O Inquérito vai desfazer o nó górdio da “casa portuguesa” e permite uma via portuguesa na arquitectura moderna, um reconciliar com a história ou com a tradição, fazendo uma fusão dos valores do moderno com os vários vernáculos portugueses, viabilizando uma evolução rápida para fora dos ditames das doutrinas predefinidas. Cria um novo respeito pelos materiais seculares e dá a ver a qualidade estrutural de muitas construções do interior do país. A historiografia refere o Inquérito como sendo uma obra de muitos arquitectos e resultante de uma proposta de Keil do Amaral apresentada pela primeira vez em 1947 (*Uma Iniciativa Necessária*). Também um texto de Távora, publicado numa primeira versão em 1945 e depois em 1947, é referido como origem da proposta. Quando provinda da área da arquitectura, tem sido prática da historiografia realçar o lado inovador e a originalidade do Inquérito.

Importa aqui referir os trabalhos afins que se estavam realizando no Brasil, em particular os estudos realizados por Lucio Costa sobre a arquitectura vernácula e a tradição. Apesar de ter ficado na história como o grande arauto da arquitectura moderna brasileira, Lucio Costa tem uma relação particular com a tradição. Recorde-se a coincidência temporal, com um intervalo de meses, entre o início do trabalho do Ministério da Educação e Saúde e o de uma obra tão cuidadosa e respeitadora da tradição como é o do Museu das Missões. Dos arquitectos militantemente modernos, Lucio Costa foi o que mais trabalhou sobre o diálogo com o existente e “construiu sobre o construído”. É uma faceta ainda mal conhecida no exterior e constitui um caso singular; contrariamente aos grandes mentores mundiais da arquitectura moderna – Le Corbusier, Wright e Gropius, ... – trabalhou grande parte da vida sobre o património – construindo, opinando, aprovando e reprovando.

Impactos Recíprocos

Lucio Costa influenciou a arquitectura moderna portuguesa não apenas pelo impacto generalizado e festivo que a arquitectura moderna brasileira teve em Portugal (Ramos e Matos, 2005), mas por um efeito a longo prazo, de profundidade e mal conhecido.

A Figura 5 expõe o triângulo formado pelos contactos havidos entre os três arquitectos deste estudo, acrescido dos havidos com os personagens e instituições com impacto determinante no debate e nas condições de afirmação do moderno no Brasil. O seu surgimento neste palco está temporalmente localizado; abstraiu-se porém a datação dos encontros mútuos, significando as arestas a existência ou não de um contacto directo e significativo.

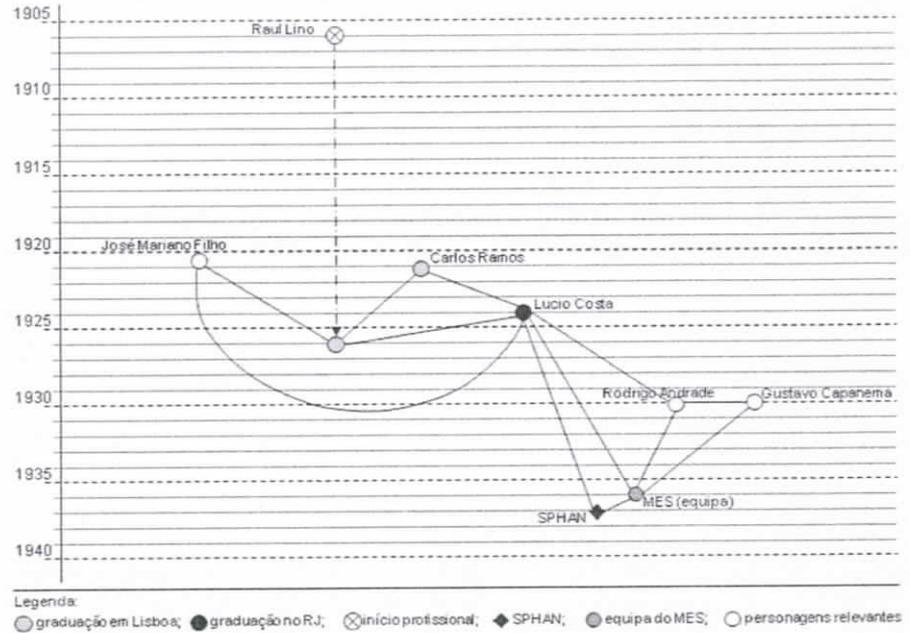


Fig. 5 Relacionamento pessoal relevante

A Figura 6 regista, em linhas de vida de Raul Lino, Carlos Ramos e Lucio Costa, dados específicos dos seus percursos relativos ao sentido das viagens e ao conhecimento coligido de projectos realizados por cada um no lado oposto do Atlântico.

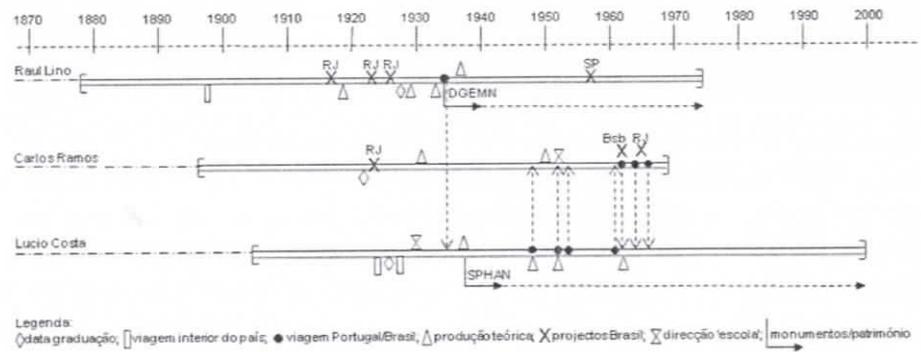


Fig. 6 Encontros entre Raul Lino, Carlos Ramos e Lucio Costa: registo cronológico

Lucio Costa: viagens e desenvolvimento de uma procura

O primeiro contacto de Lucio Costa com Portugal na sua idade adulta faz-se em 1926. Numa espécie de *grand tour* em que percorre a Europa durante um ano, tem oportunidade de visitar Lisboa apenas por um dia; um saboroso relato das suas horas passadas na cidade é transcrito para o *Registro*. Antes do nascimento, há o dado interessante de sua Mãe ter residido em Lisboa antes do casamento, que se realiza nesta cidade.

Quando Lucio Costa vem à Europa, já está sensibilizado para a arquitectura histórica brasileira pela viagem de levantamento do vocabulário da arquitectura colonial patrocinada pelo paladino do neocolonial José Mariano Filho (Sociedade Nacional de Belas Artes). Segundo testemunho de Lucio, tem aí a revelação da autenticidade, contraposta à prática neocolonial que ele advogava por essa época. Faz novas viagens às cidades históricas brasileiras de Minas Gerais. Apenas no pós-guerra há condições para retomar a relação com a Europa, realizando três viagens a Portugal, uma em 1948 e duas em 1952 (Filgueiras, 1962).

Embora se tenha notícia de contactos anteriores com Carlos Ramos, datam de 1961 os primeiros documentos conhecidos de estadia de Lucio Costa no Porto, onde se encontra também com outros docentes da Escola Superior de Belas Artes [Figs. 7 e 8].



Fig. 7 Carlos Ramos, Lucio Costa, Helena Costa, J. Carlos Loureiro, Fernando Távora na Estação de São Bento, Porto

Fotos de Octávio Lixa Filgueiras. Fonte Espólio Carlos Ramos



Fig. 8 Lucio Costa e Arnaldo Araújo na Feira de Barcelos.

Entre o primeiro e o segundo grupo de viagens, ocorrem três factos importantes: o MES, o Museu das Missões e a primeira teorização consistente sobre a busca de raízes publicada em 1937 com o título *Documentação Necessária*. Esta teorização constitui um eixo fundamental no pensamento e na compreensão da relação com o passado, no posicionamento da arquitectura, em particular entre a arquitectura brasileira e as suas origens portuguesas. Possivelmente será o impulso dado pela vontade de conhecimento que o leva a um voltar-se para Portugal, incluindo dois períodos de estadia longa em 1952, para registar a arquitectura tradicional portuguesa.

É então plausível a afirmação atribuída ao Professor Ramos na entrada do referido artigo, quando da republicação em 1995 – atendendo ao ambiente de imersão no património no mundo rural no seu país que não apenas Lucio Costa, mas um conjunto de intelectuais e arquitectos, estava realizando por meio de viagens de estudos e levantamentos de arquitectura. Não sendo seguramente determinante

para o desencadear do Inquérito, é da maior relevância aquela sugestão. Pela análise do seu trabalho, assinala-se a prática seguida no SPHAN, de levantamentos de património de paisagens rurais e urbanas em território brasileiro; a demonstração vivida e próxima de um método, de um registo tendencialmente sistemático às arquitecturas regionais, vindo de um arquitecto que gozava então do prestígio do crescente reconhecimento internacional [Figs. 9 a 14].



Fig. 9 (1924) Aguarela Diamantina, MINAS GERAIS.



Fig. 10 (1952) Levantamentos, PORTUGAL.

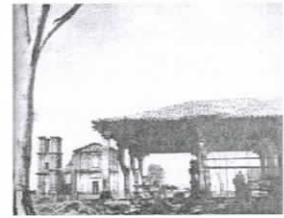


Fig. 11 (1937) Museu das Missões, RIO GRANDE DO SUL.



Fig. 12 (1944-45) Park Hotel São Clemente, RIO DE JANEIRO.



Fig. 13 (1937) "puro Le Corbusier".



Fig. 14 (1985) Residência Edgar Duvivier, RIO DE JANEIRO.

Figs. 9 a 14 Lucio Costa - Identificação dos projectos.

Fontes das Figs. 9, 10, 11, 13: Costa (1995); e das Figs. 12 e 14: Wisnik (2001)

Não será descabido sublinhar a importância e a precocidade da *démarche* de Lucio Costa quanto ao património não monumental português, que ele percorre pela primeira vez em 1948; e mais demoradamente em 1952. É reveladora de sua identificação ao Inquérito a escolha de imagens deste e de desenhos do autor sobre a habitação rural em Portugal em *Tradição Local* (1980 e 1995). Estes desenhos são fragmentos dos "cinco bloquinhos" do espólio de Lucio, que darão a conhecer a totalidade desses levantamentos.

A viagem de 1948 coincide temporalmente com o I Congresso Nacional de Arquitectura, que é habitual associar à ideia do Inquérito. Note-se que grande parte do trabalho teórico de Lucio Costa valoriza a herança portuguesa explícita e repetidamente referida nas suas obras. Em *Documentação*, chega a elogiar o mestre-de-obras "portuga", inculto mas sensato e sem medo de inovações – remando contra a maré do anti-portuguesismo endémico na ex-colónia e destino ainda de milhares de emigrantes portugueses, destituídos e carentes da mais básica instrução.

Não deixa de ser possível detectar um efeito "boomerang" de Portugal para o Brasil na obra de Lucio Costa, por via da inclusão em algumas obras subsequentes de renovados princípios de composição de grande simplicidade – tema persistente de sua predilecção. A similitude de proporções, de assimilação de efeitos de claro-

-escuro, de clareza estrutural de base arquivada está patente em projectos seus. Wisnik (2001) assinalou-o aliás recentemente, numa sugestão exclusivamente gráfica e sem comentários.

Assim, podemos sintetizar a aproximação que Lucio Costa faz a Portugal [Fig. 15]. Há uma primeira fase, em que o objecto da pesquisa às fontes está no interior do Brasil. O interesse pelas origens e pela autenticidade da arquitectura rural recrudescer com o início da actividade no SPHAN; é para este organismo que ele redige um programa de acção (*Documentação*) em 1937; aí, ele faz a ponte com as origens portuguesas e certamente traça o projecto de a conhecer *in loco*; esse é o eixo que permite a legitimidade de incorporar a demanda em Portugal ao desígnio de conhecer a arquitectura brasileira. Desde então, inicia-se a 2ª fase: a das viagens de estudo ao interior português, apenas adiadas pelo conflito mundial. Por fim, o aparente fracasso de estabelecer nexos entre regiões de Portugal e do Brasil redefine o que é a herança portuguesa, como um sincretismo de tradições construtivas e uma reelaboração dessas tradições, como ocorria aliás na própria terra portuguesa.

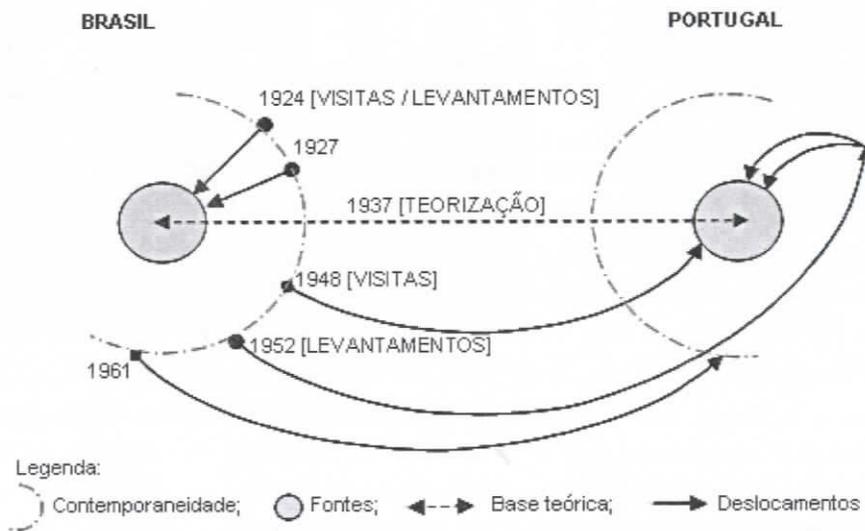


Fig. 15 Percorso cronológico de Lucio Costa relativo ao Brasil e Portugal

Raul Lino e o Brasil

Raul Lino [Figs. 16 a 21] é outro arquitecto preocupado com a busca das origens – imerso embora no estudo da história logo desde a adolescência. É um requintado e talentoso criador de arquitectura e um esteta; escreve com grande fluência e versatilidade sobre sugestões cromáticas das paisagens portuguesas e sobre a inserção orgânica da arquitectura nesses ambientes pictóricos.

Teve enorme impacto ao nível da pedagogia por ter sustentado a ideologia da “casa portuguesa” como símbolo da identidade nacional. Os seus livros foram festejados como *best-sellers* da arquitectura portuguesa da época e, sobressaíram como exposições teóricas sobre concepção arquitectónica da habitação.



Fig. 16 (1897) Vista do Alvito, PORTUGAL.

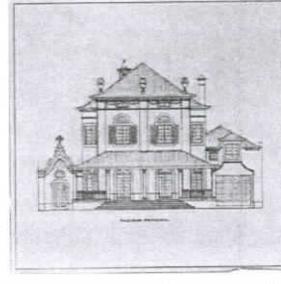


Fig. 17 (1922) Habitação em Copacabana, RIO DE JANEIRO.

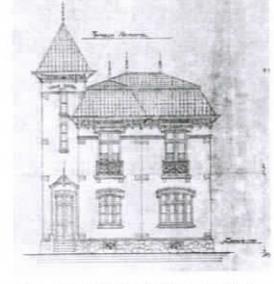


Fig. 18 (1922) Edifício Habitacional em Copacabana, RIO DE JANEIRO.

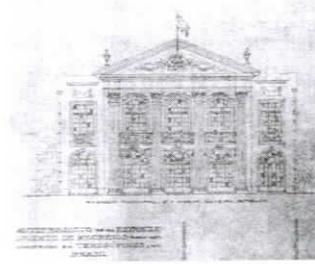


Fig. 19 (1925) Est. Recreio em Teresópolis, RIO DE JANEIRO.

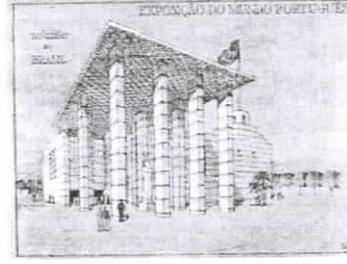


Fig. 20 (1939) Pavilhão do Brasil na Exposição do Mundo Português, LISBOA.

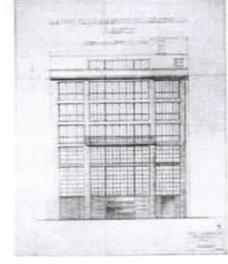


Fig. 21 (1957) Sede do BUB, SÃO PAULO.

Figs. 16 a 21 Raul Lino - Identificação dos projectos.

Fontes da Fig. 16, FCG (1970); das Figs. 17 a 21, Espólio Raul Lino, FCG.

Apesar dos seus mais de 700 projectos, o conjunto da obra construída não é marcante no espaço público, pela dispersão e escala reduzida; tem sim relevância na imagética do meio cultural português. Realiza os primeiros levantamentos da arquitectura no interior do país (Sintra e Alentejo), conhecendo pouco depois a arquitectura mediterrânica (Marrocos). Suas obras apresentam um paralelo com Le Corbusier que trabalha a luz e a sombra, a grelha e os panos opacos de parede; extrai ensinamentos discordantes das mesmas lições, fazendo com que a pessoa e a obra tenham merecido a reprovação de muitos arquitectos modernos. Partindo da sua formação romântica, manteve uma posição militante contra a arquitectura moderna ao ponto de reprovar projectos dos colegas no âmbito dos pareceres (Conselho Superior do Ministério das Obras Públicas). Uma primeira exposição da sua obra foi realizada por Pedro Vieira de Almeida na Fundação Calouste Gulbenkian em 1970; a mostra antológica, extremamente polémica, motivou dois abaixo-assinados dos colegas contra a realização da mesma. Desde então a sua obra tem sido progressivamente revalorizada com exposições e monografias.

Criador espacial de jogos de luz e sombra como na Casa do Cipreste (1912), foi o reintrodutor do azulejo na arquitectura não popular. Tendo embora o seu trabalho *nuances* várias – arte-nova, Norte de África (nas “casas marroquinas”), influência *modéjar* e outras, deposita uma fé inabalável na arquitectura do local e segrega uma rejeição crescente do internacionalismo moderno por questões climáticas e identitárias – sem nunca alterar sua posição. Seus projectos já apresentam entretanto, um esquema que é moderno no processo de gestação – de dentro para fora, com preponderância da planta sobre o alçado – e que obedece à

organização espacial moderna, tal como explicitado em Ramos (2006: 157) que mostra a adaptação do moderno na "casa grande" urbana incorporando nos limites do lote anexos vários – como garagem, cavalaria e capela.

Viaja ao Brasil em 1935, a convite do Instituto dos Arquitectos do Brasil, do Instituto Paulista de Arquitectos, da Sociedade Brasileira de Belas Artes e do Instituto Histórico de Ouro Preto. Foi recebido com honrarias e condecorado com a Ordem do Cruzeiro. A viagem marcou um radicalismo anti-moderno que perdura até ao fim da sua vida.

Sobre o encontro com Lucio Costa proporcionado por José Cortez no *Jockey Club* do Rio de Janeiro, Raul Lino refere o seu particular interesse em tomar contacto com o arquitecto "cuja personalidade goza do merecido prestígio de um verdadeiro mentor dos jovens arquitectos do Brasil". Relata Raul Lino: "Lucio Costa não quer ouvir falar de tradição (...) e observa que nós europeus estaríamos fartos de uma herança que nos oprime. A isto tenho de obtemperar que a tradição a mim pessoalmente nada oprime nem aflige". Os dois desentendem-se quanto ao conceito de tradição. "Nesta altura então abriu-se uma vala intransponível entre mim e o meu amável interlocutor. Desenhava-se agora nitidamente a velha antinomia entre racionalismo e sentimento, como se a qualidade humana pudesse ser completa sem qualquer destes dois princípios".

Em 1938 pede autorização para uma segunda viagem ao Brasil, negada pelo todo-poderoso Ministro Duarte Pacheco, alegando ser necessária a sua presença no país para a Exposição do Mundo Português.

Curiosamente, quer antes quer após a sua triunfal viagem ao Brasil, Raul Lino projecta para o Rio e para São Paulo obras de que se ignora o desfecho. Estes projectos não foram referenciados nas monografias publicadas até hoje. São projectos heterogéneos para particulares e instituições: dois projectos habitacionais, um equipamento de recreio e um "altar da pátria" para a Exposição do Rio de Janeiro, todos localizados neste estado brasileiro. Para São Paulo, consta um insólito ante-projecto para Sede do Banco Ultramarino Brasileiro, já pela linguagem, já pela tecnologia do betão armado.

Apesar de provavelmente estes projectos nunca terem sido concretizados, a relação de Raul Lino com o Brasil realizou-se de facto no Pavilhão do Brasil para a grandiosa Exposição do Mundo Português de 1940. Este pavilhão apresenta a notável característica de não ser fachadista como a totalidade dos edifícios construídos nesse evento. Apresentando um espaço vazado como *faciès* do pavilhão, o espaço de acesso é uma sala hipóstila sustentada por colunas referidas como troncos de palmeiras estilizadas com pé-direito monumental e tecto rendilhado.

Um paralelismo notável com Lucio Costa é a sua integração no organismo de defesa do património, como foi a Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais – DGEMN, criada em 1929, onde colabora pontualmente desde 1934,

integrando os seus quadros em 1936 e passando a director geral em 1949, cargo que ocupa até atingir a reforma, mas continuando este trabalho para além desta data – assim como Lucio Costa; e assim como ele, teve uma relação convicta e apaixonada com o património e com a paisagem. Em 1943, redige um sensível prefácio à primeira publicação fotográfica, curiosamente de iniciativa portuguesa, sobre Ouro Preto, de autoria de Germaine Krull.

Carlos Ramos, a Escola, o Rio de Janeiro e Brasília

Carlos Ramos [Figs. 22 a 27] é um personagem mais difícil de definir. Arquitecto pioneiro do Movimento Moderno, depressa regride e faz obra consentânea com a linguagem do Regime, embora mantenha a persistência do moderno. Abre as portas da Escola do Porto aos CIAM's e aos congressos da UIA onde participa activamente entre 1950 e 1967, e permite um desabrochar do moderno na escola – contrariamente ao que se passou em Lisboa, com Cristino da Silva na direcção da EBAL; sendo o principal motivo apontado a maior proximidade ao Regime. No entanto, Carlos Ramos nunca se transfere para o Porto, continuando a residir com a família em Lisboa.

Elabora com Cottinelli Telmo e Luis Cunha o Pavilhão para a Exposição do Rio de Janeiro (1922). Em 1962 projecta a Embaixada de Portugal em Brasília, não construída.



Fig. 22 (1922) Pavilhão de Honra Português na Exposição do Rio de Janeiro, Arq. Carlos Ramos, Cottinelli Telmo e Luis Cunha, RIO DE JANEIRO.



Fig. 23 (1928-33) IPO – Pavilhão da Rádio, LISBOA.

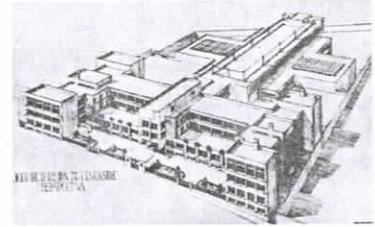


Fig. 24 (1929) Liceu Filipa de Lencastre – 1ª Solução, LISBOA.

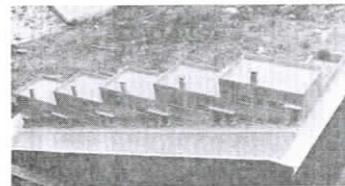


Fig. 25 (1931) Bairro Económico, FUNCHAL.



Fig. 26 (1943) Edifício Residencial na Praça Duque de Saldanha, LISBOA.

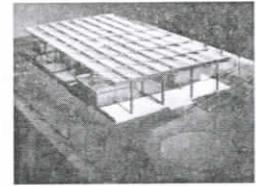


Fig. 27 (1960) Anteprojecto da Embaixada de Portugal em Brasília, Arq. Carlos Ramos e Luis Cunha, BRASÍLIA.

Figs. 22 a 27 Carlos Ramos – Identificação dos projectos.

Fontes da Fig. 22, DGEMN; das Figs. 23, 24 e 27, Espólio Carlos Ramos, propriedade família; e da Fig. 26, Almeida e Fernandes (1986).

Mais do que a sua produção arquitectónica, talvez seja de salientar o seu desempenho como pedagogo que se estendeu às duas escolas de arquitectura do país na época, Lisboa e Porto.

Entre as actividades culturais na Escola do Porto, salienta-se a *Exposição da Arquitectura Contemporânea Brasileira*, integrada nas actividades do III Congresso da UIA, realizado em 1953 e a conferência proferida por Wladimir de Sousa, professor que já tinha estado na Escola em 1949. O ano de 1953 é ainda o de uma primeira aproximação ao levantamento da arquitectura rural, o *Ensaio de um inquérito às expressões e técnicas tradicionais portuguesas* – que se pretendia levar por diante através do CEAU (Centro de Estudos em Arquitectura e Urbanismo), à época em formação.

Como representou Portugal nos Congressos da UIA, foi um dos mais internacionais arquitectos da época. Seu encontro com Lucio Costa terá ocorrido inicialmente por via desses congressos, repetindo-se no Brasil e no Porto. Em 1961 o encontro ocorre por convite de Carlos Ramos, altura em que Lucio Costa ministra um *workshop* de urbanismo na escola do Porto.

O Anteprojecto da Embaixada de Portugal em Brasília (1962) será também motivo de encontros entre os dois arquitectos que trocam correspondência.

Em carta a Carlos Ramos datada de 10/03/1962, Lucio Costa felicita duplamente o autor e o seu colaborador Luis Cunha pelo projecto. Por um lado, refere o *“partido engenhoso que presidiu à elaboração do projecto”* e ressalta a *“pureza estática da bela estrutura regular do pára-sol arquitectónico”*. E por outro lado, faz referência ao momento político-social adverso que Portugal se encontra congratulando-se pelo facto da *“realidade luso-brasileira esta[r] acima dos eventuais desencontros ideológicos”*.

Escreve duas notas finais. Numa refere a opinião positiva de Niemeyer sobre o projecto e na outra defende a modernidade da cidade de Brasília:

“PS. Há uma última ressalva referente a um conceito emitido na esplêndida memória descritiva; é quando accentua o que lhe pareceu “exacerbado...e anti-natural” na arquitectura de Brasília. Permitta-me, a título de justificação e divertimento, a seguinte “boutade”: quando se encara a natureza sob o prisma exclusivo da rosa e da gazela, também a tulipa e o bovino parecem anti-naturaes, quando se trata apenas, de um natural diferente”.

O projecto, não aprovado pelo MOP (Ministério de Obras Públicas), não chegou a ser executado.

De volta a Portugal e no mesmo ano, concede uma entrevista à Rádio Difusão Portuguesa sobre Brasília ressaltando a concepção urbanística de Lucio Costa e a *“inconfundível expressão plástica”* presente na arquitectura de Niemeyer. Sobre o

primeiro refere ainda que “*Lucio vem periodicamente a Portugal, que percorre de Norte a Sul, no deleite da nossa arquitectura regional*”.

Pela correspondência trocada nos anos 20, entre Carlos Ramos e Raul Lino persiste um ambiente de distância e cortesia. Após períodos iniciais de trabalho de Carlos Ramos no atelier de Raul Lino, há apenas notícia de colaboração pontual durante algum tempo mais; e de uma conferência proferida na Escola do Porto em 1951 por Raul Lino, intitulada *Arquitectura, problema humano*.

Conclusão

Lucio Costa contribuiu para a plena aceitação do moderno na Escola do Porto e terá provavelmente tido maior impacto na formulação teórica de aceitação da tradição por parte dos arquitectos portugueses, dados os inúmeros pontos de contacto entre a doutrina por eles exposta e a proposta por Lucio Costa. Em particular, a doutrina de relação entre património e moderno.

A triangulação estabelecida neste trabalho escolheu um arquitecto fundamental do Brasil, que tece com Portugal importantes laços culturais, mercê da sua orientação de estudioso que engloba este país na sua pesquisa das raízes arquitectónicas brasileiras. Escolheu um arquitecto português – Carlos Ramos – que construiu as bases para a internacionalização da Escola do Porto e com ele estabelece um percurso de companheirismo; e um arquitecto português – Raul Lino – que, apesar de muitos e importantes paralelismos de vida, assume uma polaridade negativa quanto ao sentido da modernidade.

Agradece-se os depoimentos prestados pela Arquitecta Maria Elisa Costa e pelo Arquitecto Carlos de Oliveira Ramos para a realização deste trabalho.

Bibliografia

- ALMEIDA, Pedro. “Raul Lino” in *Jornal dos Arquitectos* nº 195. Lisboa, 2002.
- ALMEIDA, Pedro e FERNANDES, José. *História da Arte em Portugal. A arquitectura moderna*. Vol. 14. Lisboa: Alfa, 1986.
- ALMEIDA, Pedro, TOUSSAINT, Michel e FERNANDES, José. *Raul Lino, 3 depoimentos em 1993*. Lisboa: Edições Cotovia, 1993.
- AMARAL, Francisco Keil. “Uma Iniciativa Necessária” in *Arquitectura*, ano XX, 2ª série, nº 14, Lisboa, Abril de 1947.
- BRUAND, Yves. *Arquitectura Contemporânea no Brasil*, São Paulo: Editora Perspectiva, 1981. (Versão original *L’Architecture Contemporaine au Brésil*, 1971).
- COMAS, Carlos. “Lucio Costa e a Revolução na Arquitectura Moderna Brasileira, 1930-1939. De lenda(s) e Le Corbusier” in *Vitruvius*, 2002, São Paulo. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq022/arq022_01.asp
- COSTA, Lucio. *Carta dirigida a Carlos Ramos datada de 10/03/1962*. Espólio Carlos Ramos.

- COSTA, Lucio. *Registro de uma Vivência*. (1ª Edição). São Paulo: Empresa das Artes, 1995. (Edição consultada: 2ª Edição 1997).
- COUTINHO, Bárbara. *Carlos Ramos (1897-1969): Obra, pensamento e acção. A procura do compromisso entre o Modernismo e a Tradição*. Dissertação de Mestrado, 2 Volumes. Lisboa: UNL, 2001.
- FILGUEIRAS, Octávio. *Da função social do Arquitecto. Para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada*. Porto: Livraria Sousa & Almeida, 1962.
- FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN *Raul Lino: Exposição Retrospectiva da sua Obra*. Lisboa, FCG, Exposições e Museografia. Serviço de Belas Artes, 1970.
- FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN *Carlos Ramos: Exposição Retrospectiva da sua Obra*. Lisboa, FCG, Exposições e Museografia. Serviço de Belas Artes. Lisboa, 1986.
- KRULL, Germaine. *Ouro Preto, uma antiga cidade do Brasil*. Edições Atlântico. Secção Brasileira do Secretariado da Propaganda Nacional, 1943.
- LINO, Raul. *Auriverde Jornada: recordações de uma viagem ao Brasil*. Lisboa: Valentim de Carvalho, 1937.
- LINO, Raul. *A Nossa Casa. Aparentamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples*. Lisboa: Ed. Atlântida, 1918.
- LINO, Raul. *A Casa Portuguesa*. Lisboa: Ed. Comissariado Geral Exposição Sevilha, 1929.
- LINO, Raul. *Casas Portuguesas. Alguns apontamentos sobre o architectar das casas simples*. Lisboa: Valentim de Carvalho, 1933.
- NETO, Maria João. "Raul Lino ao serviço da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Uma nova perspectiva de intervenção" in ARTIS Nº 1, Revista IHA-FL-UL, Lisboa: 2002.
- NOBRE, Ana, et al (Orgs.). *Lucio Costa. Um modo de ser moderno*. São Paulo: Cosac&Naify Edições, 2004.
- PEDREIRINHO, José Manuel. *Dicionário dos Arquitectos activos em Portugal do século I à actualidade*. Porto, Edições Afrontamento, 1994.
- PESSÔA, José (Org.). *Lucio Costa: Documentos de Trabalho*. Rio de Janeiro: IPHAN, Ministério da Cultura, Edições do Património, 2ª Edição, 2004.
- RIBEIRO, Irene. *Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitectura*. Porto: FAUP Publicações, 1994.
- RAMOS, Tânia. *Os Espaços do Habitar Moderno: Evolução e Significados. Os Casos Português e Brasileiro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.
- RAMOS, Tânia e MATOS, Madalena. "Recepção da Arquitectura Moderna Brasileira em Portugal – registos e uma leitura" in VI DOCOMOMO BRASIL, Anais pp.164-166 e CD-Rom, Niterói: 2005.
- SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS. *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Volumes I e II, 1961, Edição da Ordem dos Arquitectos, 2004.
- TÁVORA, Fernando. *O Problema da Casa Portuguesa*. Lisboa: Cadernos de Arquitectura, 1947 (1945)
- WISNIK, Guilherme. *Lucio Costa*. São Paulo: Cosac&Naify Edições, 2001.
- XAVIER, Alberto (Org.) *Depoimento de Uma Geração. Arquitectura Moderna Brasileira*. São Paulo: Cosac&Naify, Edição revista e ampliada 2003.